

Universidade Federal de Campina Grande

Centro de Humanidades

Unidade Acadêmica de Letras

Mainan Barbosa Borges

**ESTRATÉGIAS COGNITIVAS UTILIZADAS POR
ALUNOS INGRESSANTES DE LETRAS-INGLÊS PARA
MINIMIZAR ENTRAVES NA PRODUÇÃO LINGUÍSTICA**

Campina Grande – PB

2023

MAINAN BARBOSA BORGES

**ESTRATÉGIAS COGNITIVAS UTILIZADAS POR
ALUNOS INGRESSANTES DE LETRAS-INGLÊS PARA
MINIMIZAR ENTRAVES NA PRODUÇÃO LINGUÍSTICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Letras – Língua Inglesa do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Inglesa.

Orientado por: Prof. Dr. Cleydstone Chaves dos Santos

CAMPINA GRANDE – PB

2023

B732e

Borges, Mainan Barbosa.

Estratégias cognitivas utilizadas por alunos ingressantes de letras-
inglês para minimizar entraves na produção linguística / Mainan Barbosa
Borges. – Campina Grande, 2023.

52 f. : il. color.

Monografia (Licenciatura em Letra – Língua Inglesa) – Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação: Prof. Dr. Cleystone Chaves dos Santos".

Referências.

1. Psicolinguística. 2. Produção Linguística. 3. Fatores Psicológicos.
4. Estratégias Cognitivas. 5. Aprendizagem de Língua Estrangeira.
I. Santos, Cleystone Chaves dos. II. Título.

CDU 81'23(043)

**ESTRATÉGIAS COGNITIVAS UTILIZADAS POR ALUNOS INGRESSANTES
DE LETRAS-INGLÊS PARA MINIMIZAR ENTRAVES NA PRODUÇÃO
LINGUÍSTICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao
Curso de Letras – Língua Inglesa do Centro de
Humanidades da Universidade Federal de Campina
Grande, como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciada em Letras – Língua Inglesa.

Aprovado em 16 de junho de 2023

BANCA EXAMINADORA:



Professor Dr. Cleystone Chaves dos Santos

Orientador



Professora Ma. Vivian Monteiro

Examinadora

Documento assinado digitalmente
gov.br SINARA DE OLIVEIRA BRANCO
Data: 27/07/2023 21:55:28-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professora Dra. Sinara de Oliveira Branco.

Examinadora

CAMPINA GRANDE – PB

2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus familiares e amigos que estiveram comigo durante essa jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por sua fidelidade, graça e amor, que me guiou e me trouxe até aqui. Sou grata por tê-lo encontrado e sido transformada por Ele. À Ele toda honra, glória e louvor para sempre.

A minha mãe Simone, meu pai Claudemir e aos meus irmãos Camila e Caio, que sempre me apoiaram e cuidaram de mim, me incentivando a fazer o meu melhor e a não desistir. Sou grata pelos ensinamentos e incentivos, pelas orações e caronas até a universidade.

Aos meus amigos e irmãos de fé, em especial Débora, Sarah, Luiza, Ester, Julia, Renaly, Raiane, Bia, Amós e Quezia, que estão comigo, presentes na minha vida. Agradeço pelas orações, pelos momentos de alegria e dificuldades, pelos ensinamentos e pela amizade que me inspira.

Ao meu orientador, Prof. Tone, que me guiou durante esse processo com ensinamentos e com paciência.

Aos amigos que a UFCG me presenteou, Maria Julia, Deborah, Daniela, Isabella, Larissa, Gabrielle, Milene, Cora e Jay, que fizeram a jornada acadêmica ser mais fácil. Agradeço pela companhia, os conselhos, os momentos de risos, cansaço, desespero e realizações.

Aos professores da UAL, em específico os do curso de Letras Inglês, pelos ricos ensinamentos e auxílio durante a jornada acadêmica.

“There are far, far better things ahead
than any we leave behind.”

(C.S. Lewis, 1963)

RESUMO

A produção linguística em uma língua estrangeira no contexto acadêmico pode ser uma atividade difícil para o aprendiz devido a uma série de fatores externos, como questões sociais e econômicas, e internos, como fatores psicológicos, que possam aparecer como entraves (GOMES, 2018). Em vista disso, é possível lançar mão de estratégias de cunho cognitivo para auxiliar a sanar possíveis bloqueios na produção linguística de natureza oral e/ou escrita do aprendiz (OXFORD, 1990). Considerando esse cenário, este estudo investiga até que ponto estratégias de cunho cognitivo podem contribuir para sanar fatores psicológicos causadores de possíveis bloqueios na produção linguística em língua estrangeira. Para realização dessa pesquisa, um questionário foi aplicado com alunos ingressantes do curso de Letras – Língua Inglesa da UFCG a fim de: 1) identificar e descrever os fatores de ordem psicológica que bloqueiam a produção linguística escrita e oral dos referidos alunos e 2) mapear as estratégias cognitivas utilizadas pelos mesmos para contornar os entraves no contexto citado. Após a análise dos dados obtidos na aplicação do questionário, foi possível identificar que fatores como a ansiedade, medo, pressão, vergonha, tensão, nervosismo e desmotivação são questões elencadas pelos respondentes como possíveis causadores de bloqueios na produção linguística em atividades acadêmicas. Como resultado, para contornar tais fatores, as estratégias de prática, repetição, anotações, leitura e escuta de conteúdos na língua estrangeira se mostraram como facilitadoras nesse processo. Enfim, segundo os respondentes, o uso das estratégias citadas por eles pode auxiliar a sanar os fatores psicológicos causadores de bloqueios na produção linguística de cunho oral e escrito.

Palavras-chave: Aprendizagem de língua estrangeira. Produção linguística. Fatores psicológicos. Estratégias cognitivas.

ABSTRACT

The linguistic production in a foreign language in the academic context can be a difficult activity for the learner due to some external factors, such as social and economic factors, and internal factors, like psychological factors; that may cause interference in the linguistic production (GOMES, 2018). Considering these factors, it is possible to use cognitive strategies to help to deal with difficulties in the oral and written production (OXFORD, 1990). Considering this scenario, this study investigates to what extent cognitive strategies may contribute to deal with psychological factors that may block the linguistic production in a foreign language. To carry out this research, a questionnaire was applied to freshman students of Letters – English Language at UFCG in order to: 1) identify and describe the psychological factors that interfere in the oral and written production of the mentioned students; and 2) map the cognitive strategies used by them to deal with the difficulties in the mentioned context. After analyzing the results, it was possible to identify that anxiety, fear, pressure, shyness, tension, nervousness, and lack of motivation were the factors mentioned by the participants as possible obstacles in the linguistic production during academic activities. As a result, to deal with those factors, the strategies of practicing, repetition, annotation, reading and listening to contents in the foreign language worked as facilitators in this process. Finally, according to the participants of this research, using the mentioned strategies can help to deal with psychological factors that block the oral and written production.

Keywords: Foreign language learning. Linguistic production. Psychological factors. Cognitive strategies.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Categorização do nível de proficiência dos participantes segundo QCE ...	
	24
Quadro 2 – Temáticas e questões abordadas no questionário	25
Quadro 3 – Facilidade na produção em LE segundo a proficiência linguística.....	
	28
Quadro 4 – Dificuldade na produção em LE segundo o nível de proficiência linguística	
	28
Quadro 5 – Dificuldades causadas por fatores psicológicos na produção oral em LE ..	
	29
Quadro 6 – Preferência dos participantes pela produção oral em LE	
	30
Quadro 7 – Preferência dos participantes pela produção escrita em LE	
	31
Quadro 8 – Estratégias na produção linguística de natureza oral e escrita em LE	
	32
Quadro 9 – Auxílio das estratégias na produção linguística em LE	
	33
Quadro 10 – Influência do nível de proficiência linguística em LE	
	34
Quadro 11 – Fatores psicológicos aparentes em aprendizes dos níveis B1, C1 e C2 ...	
	35

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Nível de proficiência linguística na LE	27
Gráfico 2 – Fatores psicológicos na produção oral	29
Gráfico 3 – Fatores psicológicos na produção escrita	30

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Estratégias mais citadas pelos participantes	32
Tabela 2 – Fatores psicológicos e estratégias cognitivas	36

SUMÁRIO

1. Introdução	13
2. Fundamentação Teórica	16
3. Metodologia	23
4. Descrição e discussão dos dados	26
5. Considerações finais	41
6. Referências	44
7. Anexos	47

1. Introdução

Ao usar a língua, seja a língua materna (LM) ou uma língua estrangeira (LE), uma série de atividades acontece em nosso cérebro, transportando informação de um neurônio para outro (MENN; DRONKERS, 2017), tais como: conversão de informações captadas pelos sentidos, tradução de sinais e produção de respostas. Contudo, no processamento cerebral de uma LE, é possível que alguns fatores, junto com as dificuldades de compreensão de produção escrita ou oral, resultante do pouco conhecimento da estruturação da língua-alvo, possam dificultar a produção de natureza linguística do aprendiz.

Esses fatores podem ser de natureza diversa, desde a afetiva, emocional e familiar, passando também pela natureza econômica e social até a natureza psicológica do aprendiz (GOMES, 2018), podendo ser: a) motivação em aprender uma LE, b) ansiedade ao usar uma LE, c) baixa autoestima e d) crenças sobre ensino-aprendizagem. Este estudo, por sua vez, se debruçará sobre fatores de cunho psicológico.

Os fatores mencionados anteriormente podem ser condicionados por diferentes estratégias de natureza cognitiva. Essas estratégias, podem auxiliar o aprendiz a organizar, transformar e elaborar informações de modo a possibilitar a realização de atividades complexas (LARENAS, LEIVA & NAVARRETE, 2017), como a produção de textos em LE. Nesse sentido, há alguns anos antes, Oxford (1990) já havia pensado em algumas estratégias visando melhorar o *output* (i.e., os resultados do uso da língua (SWAIN, 1985)).

O *output* linguístico se dá através da produção das habilidades comunicativas orais e escritas. Segundo Divitiis (2013), essas habilidades quase nunca, ou nunca, são trabalhadas na escola regular brasileira por fatores estruturais ou falta de conhecimento linguístico por parte do professor. Consequentemente, esse pode ser um fundamento relevante para dar suporte ao fato de que alguns aprendizes, recém-chegados no contexto acadêmico da UFCG, especificamente no curso de Letras-Inglês, revelam ter pouco conhecimento da língua estrangeira¹, a saber a língua inglesa. No entanto, a impressão é que durante a execução de atividades de produção linguística, o uso de

¹ SANTOS (2012; 2017)

estratégias cognitivas adequadas poderá auxiliar o aprendiz a lidar com fatores psicológicos com o fim de facilitar o cumprimento de atividades, além de melhorar o *output* escrito ou oral da LE.

No contexto de aprendizagem e produção oral e escrita em língua inglesa como LE, o aprendiz acaba utilizando estruturas que ora se assemelham com a LE em foco, ora com a sua LM, ou seja, uma chamada interlíngua. A interlíngua, portanto, pode ser caracterizada como um sistema linguístico internalizado (SOUZA, 2021) que é manifestada na produção do aprendiz em eventos comunicativos, tais como produção de textos bem estruturados. As características sintáticas da chamada interlíngua podem trazer ao aprendiz o conhecimento explícito e declarativo da LE, isto é, conhecimento acerca das possibilidades de organização sintática a fim de responder às situações comunicativas anteriormente citadas (TENUTA; OLIVEIRA, 2015). Mediante o exposto, é viável trazer à tona os seguintes questionamentos: 1) Quais fatores psicológicos podem causar entrave na produção linguística, aqui o *output* oral e escrito, de aprendizes de inglês, professores em formação?; e 2) Quais estratégias cognitivas utilizadas por esses aprendizes podem sanar problemas de ordem psicológica durante essa produção?

Nessa perspectiva, a presente pesquisa busca investigar até que ponto as estratégias cognitivas utilizadas por aprendizes de inglês LE, alunos do primeiro período do curso de Letras Inglês da UFCG, podem contribuir para sanar fatores psicológicos na produção linguística. Em vista disso, foram propostos os seguintes objetivos específicos: 1) identificar e descrever os fatores de ordem psicológica que bloqueiam o *output* escrito e oral de aprendizes de inglês, professores em formação, do primeiro ano do curso de letras inglês; e 2) mapear as estratégias cognitivas utilizadas pelos mesmos para contornar os entraves durante a produção oral e escrita.

Nesse âmbito, a relevância dessa pesquisa se dá a partir da discussão acerca da necessidade de o professor de inglês LE, desde sua formação inicial, refletir e repensar a importância do uso de estratégias cognitivas na produção linguística, seja ela oral ou escrita, de modo a solucionar entraves de cunho psicológico no uso do seu objeto e ferramenta de trabalho, a saber a língua inglesa.

Com o intuito de fundamentarmos nossas questões de pesquisa em diálogo com a problemática e objetivos, a seção 2, apresenta a revisão de literatura, abordando os conceitos e pressupostos teóricos relevantes a essa pesquisa. Essa revisão, por sua vez, se debruçou sobre: 2.1. A produção linguística, oral e escrita, e o conceito dessas habilidades, discutidas por autores como Attir (2016) e Dueraman (2012). 2.2. Referente aos fatores psicológicos, Attir e Henter (2014) discutem que questões de ordem psicológica, como ansiedade e motivação, podem ser decisivos no bloqueio do *output* de aprendizes de LE. 2.3. Em relação às estratégias cognitivas, nos debruçamos sobre Oxford (1990) e seus conceitos sobre essas estratégias, assim como, trabalhamos com outros autores como Chamot (1990), Jalo (2005) e Olson; Land (2007), a fim de fundamentar nossa pesquisa com autores de contexto mais atual.

A seção seguinte (3), referente à metodologia, apresenta as descrições do desenvolvimento dessa pesquisa. A seção foi dividida em a) natureza da pesquisa, b) participantes da pesquisa, c) instrumento de geração de dados, d) corpus da pesquisa e e) procedimento de análise dos dados.

Quanto aos resultados, eles estão apresentados na seção 4. Nessa seção, os dados gerados por meio do questionário são descritos e discutidos, buscando atender às questões e aos objetivos propostos nessa pesquisa, lançando mão dos fatores citados pelos respondentes e das estratégias utilizadas por eles, baseando-se nos estudos das estratégias de aprendizagem propostas por Oxford (1990) e outros estudos recorrentes delas.

As considerações finais compreendem a última seção deste estudo. Nessa seção (5), retomamos os pontos principais da pesquisa, tais como os fatores que causam entraves na produção linguística de aprendizes de LE e as estratégias, de cunho cognitivo, usada por eles para sanar questões psicológicas durante a execução de atividades de produção oral e escrita.

2. Fundamentação teórica

O arcabouço teórico do presente projeto está estruturado da seguinte maneira: 1) A produção linguística; 2) Fatores psicológicos que bloqueiam o *output* e 3) As estratégias cognitivas que contornam os entraves na produção.

Primeiramente, faz-se necessário entendermos a produção linguística e suas concepções, mantendo um diálogo entre os autores Attir (2016) e Dueraman (2012), para então conhecermos os fatores psicológicos que possam impedir essa produção e como estratégias de cunho cognitivo podem ser usadas de modo a contornar essas questões. Em vista disso, este projeto parte das contribuições de Straková (2013), Jalo (2005) e o diálogo desses teóricos com Oxford (1990).

2.1. A produção linguística

A fala e a escrita, duas das quatro habilidades trabalhadas no processo de aprendizagem de um idioma, se referem à produção da língua, *i.e.*, aos conhecimentos do aprendiz em uso. Na produção oral, se destaca a necessidade de interação com outro(s) indivíduo(s), a habilidade de articular sons e a entonação, possuir um nível razoável de fluência, além de saber lidar com a fala em diferentes situações e limites de tempo (ATTIR, 2016).

Segundo Attir, a produção oral tem sido vista como a habilidade principal de *output* em língua estrangeira (LE), pois pode ser considerada como uma “forma básica de transformar ideias e opiniões entre aprendizes de LE”². Assim, a habilidade oral é a atividade de expressão e intercâmbio de conhecimento e opiniões entre indivíduos, que no contexto de sala de aula, pode ser abordada de modo a incentivar a fala, sanar questões de natureza articulatória de fonemas, além de auxiliar no cumprimento dos objetivos na língua alvo estipulados pelos usuários.

Quanto à produção escrita, pode-se dizer que é considerada a habilidade mais

² Tradução minha do trecho: “...the basic way of transforming ideas and opinions between [foreign language learners.]” (ATTIR, 2016, p. 8);

difícil (DUERAMAN, 2012), pois para sua produção, aprendizes fazem uso de atividades mentais, como *brainstorming*³, como também recorrem a conhecimentos transformados e internalizados a partir da interação social⁴. O processo de escrita não se desenvolve automaticamente, especialmente em LE, sendo assim, usar estratégias para cumprir esse processo, assim como ter o propósito da escrita bem consolidado na mente do aprendiz pode auxiliar no desenvolvimento de conhecimentos no campo da escrita.

Contudo, existe uma série de fatores que podem contribuir para o sucesso ou fracasso de aprendizes na produção dessas habilidades, esses fatores podem ser de cunho social e psicológico, sendo esse último, o tema da discussão a seguir.

2.2. Fatores psicológicos

O processo de aprendizagem de idiomas depende de uma série de fatores, que podem ser determinantes no sucesso ou fracasso do uso da língua estrangeira e são de ordem afetiva, cognitiva ou social (HENTER, 2014). Para o seguimento desta pesquisa, focaremos nos fatores de ordem afetiva e psicológica, como a motivação, a atitude do aprendiz, e a ansiedade em relação à produção linguística em uma LE.

A motivação, definida como o mover, a direção e a energia no processo de aquisição de LE⁵, é um dos principais fatores determinantes no sucesso do desenvolvimento das habilidades de produção (ATTIR, 2016). Isso acontece, pois, esse fator é responsável pelo comportamento do aprendiz, de modo que a falta de motivação pode levar o aluno a participar pouco das atividades de produção, ou ainda apresentar uma produção fraca quando comparado com os aprendizes que estão motivados a alcançarem seus objetivos na LE. Essa motivação surge a partir da interação de fatores internos, como características subjetivas, e externos, como o contexto social do aprendiz.

A falta de motivação pode levar o aprendiz a ter uma atitude negativa em relação

³ FLOWER & HAYES (1997) apud DUERAMAN (2012);

⁴ VYGOTSKY (1978) apud DUERAMAN (2012).

⁵ FERREIRA, 2017

à LE, o que acaba sendo um obstáculo para o *output*. Isto é, a atitude do aprendiz, sendo um outro fator afetivo, pode vir a ser determinante no comportamento do aluno em relação ao uso da língua. Tomemos por exemplo um aluno que não gosta de estudar nem tem interesse de aprender uma LE, em sala de aula ele poderá apresentar uma atitude negativa, com pouca participação e interesse. Assim, a atitude e a motivação devem trabalhar juntas para o sucesso na produção em LE.

Outro fator determinante no *output* linguístico é a ansiedade, e essa pode estar relacionada com o medo e com a vergonha. A ansiedade pode ser classificada em três tipos: um traço de personalidade; um estado, devido a uma situação temporária; ou ainda uma ansiedade específica a uma situação, como o processo de aprendizagem de uma LE (WOODROW, (2016); MACINTYRE; GARDNER, (1989); HOWITZ, (2001) apud HENTER, 2014). Gardner e McIntyre (1994) definem a ansiedade como “o sentimento de tensão e apreensão associado a um contexto de língua estrangeira, seja na produção oral ou em outras habilidades”⁶. Como resultado, fatores como o medo de errar, a autoestima baixa, a timidez e a complexidade do conteúdo podem contribuir para o aumento da ansiedade na produção linguística e para a frustração dos aprendizes no processo de aprendizagem de LE.

Desse modo, os fatores anteriormente citados podem ser contornados a partir do uso de estratégias de cunho cognitivo. Isto é, uma série de práticas que visam auxiliar o aprendiz no desenvolvimento das habilidades linguísticas de produção que virão a ser abordadas a seguir.

2.3. Estratégias cognitivas

De acordo com Oxford, as estratégias de aprendizagem são ações praticadas por aprendizes de uma LE de modo a propiciar uma aprendizagem mais fácil, rápida e efetiva visando a competência comunicativa (OXFORD, 1990). Desse modo, Oxford identificou e categorizou duas classes principais de estratégias, as diretas e indiretas. Essas estratégias estão conectadas umas às outras dando suporte e propiciando uma

⁶ Tradução minha do trecho: “... the feeling of tension and apprehension associated with the foreign language context, including speaking and other skills.” (ATTIR, 2016 p. 24)

melhor funcionalidade. Dentro das estratégias diretas, a referida autora cita as estratégias cognitivas que “[...] estão unidas por uma função em comum: a manipulação ou transformação da LE pelo aprendiz.” (OXFORD, 1990, p. 43)⁷. Através disso, de modo direto, o aprendiz lida com a língua alvo através do processamento mental desta, que possibilita o entendimento e a produção em LE de variadas formas.

Quatro subestratégias são encontradas dentro dessa estratégia cognitiva: 1) Prática, 2) Recepção, 3) Análise e Raciocínio e 4) Criação de Estruturas para *input* e *output*. Essas estratégias podem vir a ser aplicadas nas quatro habilidades linguísticas, a saber a habilidade de escrita, escuta, leitura e fala.

De modo a alcançar um nível alto de proficiência, a *prática* dos conteúdos (vocabulário, gramática, fonética) aprendidos pelo aprendiz torna-se de suma importância. Para tanto, dentro dessa estratégia, uma série de atividades podem ser aplicadas, como: a) a repetição – quando o aprendiz repete palavras, ouve repetidamente áudios e imita nativos (é importante destacar que, o que na década de 1990 era considerado facilitador no desenvolvimento da LE de um aprendiz, no novo século, estudiosos consideram o “imitar nativos” como obsoleto, já que existe uma diversidade dentro de uma língua, seja a LM do aprendiz, seja uma segunda língua (SL), ou ainda uma LE (LEFFA, 2016). Desse modo, em estudos mais atuais e modernos, imitar nativos não é mais considerado uma estratégia eficaz no alcance da fluência, uma vez que, na língua inglesa, por exemplo, existe mais falantes não-nativos, do que nativos).

Ainda sobre a série de atividades, tem-se b) a prática de sons e escrita – de modo que o aprendiz entenda a pronúncia e o sistema escrito de uma determinada LE; c) o reconhecimento, isto é, quando o aprendiz percebe estruturas na língua alvo semelhantes à sua LM; d) a recombinação – quando o aprendiz faz uso de palavras e frases que já conhece e aplica em uma nova estrutura maior e mais desenvolvida e e) a prática espontânea – prática a LE em situações naturais e realistas em que pode vir a ser desenvolvida a fluência no aprendiz.

Outra estratégia citada por Oxford, visando a fluência do aprendiz é a estratégia de *recepção*. Nessa estratégia, a realização de atividades como *skimming* e *scanning*,

⁷ Tradução minha do trecho: “... cognitive strategies are unified by a common function: manipulation or transformation of the target language by the learner.” (OXFORD, 1990, p. 43)

podem funcionar no auxílio rápido do entendimento das ideias principais e dos detalhes apresentados no texto. Por outro lado, levando em conta que a autora traz as estratégias nas décadas de 80 e 90, as atividades de *pre-reading/listening* podem ser superficiais, isto quer dizer que, na realização de atividades e exercícios propostos pelo professor de LE, o *skimming* e *scanning* podem se mostrar como facilitadores, quando aplicados de maneira consciente. Quando isso ocorre a compreensão fica em segundo plano, enquanto o aprendiz faz uso dessa estratégia. Contudo, em situações reais, essas habilidades podem não ser utilizadas ou facilitadoras, principalmente quando o aluno se encontra em um nível baixo de proficiência (LEFFA, 2016).

Além disso, na época do surgimento das estratégias de aprendizagem instituídas por Oxford, acreditava-se que o aprendiz poderia fazer uso de outros recursos, impressos ou digitais, por exemplo, para entender mensagens, assim como produzi-las. Aqui se enquadra o uso de dicionários monolíngues ou bilíngues, livros, ou até mesmo notícias da televisão.

Quanto à estratégia de *análise e raciocínio*, estratégia mais utilizada por adultos, pode(ria) auxiliar o aprendiz na construção de esquemas mentais, baseando-se na análise e comparação de expressões em LM e LE. Seguindo um esquema *top-down*, isto é, saindo do conhecido para o desconhecido, o aprendiz de LE pode gerar hipóteses sobre o conteúdo apresentado com base em conhecimentos prévios, fazendo deduções, e pode ainda analisar expressões durante atividades de recepção, fazendo uma separação de palavras de modo a facilitar a análise de cada elemento coletado. O aprendiz poderia fazer um contraste das expressões em LE com a estrutura de sua LM, como uma estratégia de entender as semelhanças e diferenças entre os idiomas, como também faria uso de tradução e transferência para melhor consolidação da estrutura da língua alvo.

Naquele cenário de ensino e aprendizagem de LE, a estratégia de *criação de estruturas para input e output* eram constantemente utilizadas para o auxílio na organização das informações coletadas pelo aprendiz na língua alvo. Segundo Oxford (1990), em atividades de compreensão leitora e oral em LE, fazer uso de anotações poderia auxiliar o aprendiz a entender a língua, essas anotações podem variar entre LM e LE, dependendo do nível de proficiência do aluno. Além disso, o aprendiz pode fazer uso de resumos, de modo a condensar as informações coletadas e a exercitar a compreensão em atividades de LE. Juntamente às anotações e aos resumos, o aprendiz

poderia fazer uso de elementos de modo a destacar palavras-chave e os tópicos importantes apresentados. Desse modo, as estratégias de criação de estruturas para recepção e produção em LE, geralmente são utilizadas em conjunto.

Assim sendo, Oxford aborda essas estratégias como meio de dar suporte ao desenvolvimento das habilidades linguísticas em LE. No referido contexto, acreditava-se que algumas dessas estratégias se mostravam eficazes no melhoramento das habilidades receptivas, como a rápida compreensão, fazendo uso de atividades como *skimming*, outras estratégias auxiliam na produção, como a recombinação, aplicando curtas expressões em longas composições, orais ou escritas. Portanto, o uso dessas estratégias cognitivas poderia auxiliar o aprendiz de LE a desenvolver uma competência comunicativa na língua alvo, podendo contornar até mesmo fatores que causam entraves na produção.

De modo a responder apropriadamente às atividades de produção oral e escrita e desenvolver uma aprendizagem efetiva, usar estratégias de aprendizagem pode auxiliar no monitoramento do uso de uma LE.

Nesse contexto, a psicologia cognitiva procura entender como a mente humana aprende e pensa. Ela também se interessa pelos processos mentais envolvidos na aprendizagem. Recentemente ela passou a ter influência no processo de aprendizado de LE. Jalo (2005) afirma que:

Na abordagem cognitiva, o aprendiz é visto como um participante ativo no processo de aprendizagem, fazendo uso de várias estratégias mentais de modo a esclarecer o sistema da língua a ser aprendida. É requerido dos aprendizes usar a mente para observar, pensar, categorizar e criar hipóteses e assim, gradualmente, elaborar o funcionamento da linguagem. (JALO, 2005, p. 159-160)⁸

Deste modo, quando o aprendiz se depara com a necessidade de produção, ele pode encontrar formas de se suceder bem no *output* por meio do uso de estratégias cognitivas.

⁸ Tradução minha do trecho: “In a cognitive approach, the learner is seen as an active participant in the learning process, using various mental strategies in order to sort out the system of the language to be learned. Learners are required to use their minds to observe, think, categorize, and hypothesize and in this way, gradually work out how the language operates”. (JALO, 2005, p. 159-160)

Chamot (1990) defende a ideia de que as estratégias cognitivas estão ligadas diretamente com novas informações adquiridas pelo aprendiz, assim como a consolidação destas de forma a intensificar a aprendizagem. Nesse contexto, a autora agrupou as estratégias em três grandes grupos: a) a repetição ou revisão de informações aprendidas, b) a organização das informações a serem aprendidas e c) a elaboração, fazendo uma ponte entre o conhecimento prévio com novas informações aplicadas em atividades de LE. Essas estratégias se assemelham às estratégias propostas por Oxford (1990), e dizem respeito ao exercício da língua de modo a consolidá-la na mente do aprendiz.

Nesse mesmo viés, Jalo (2005) afirma que as estratégias cognitivas podem ser vistas como o processo mental interligado com o processamento de informações visando a aprendizagem. Essas estratégias são importantes já que, como citados por Oxford (1990), elas são ferramentas que podem auxiliar no desenvolvimento das competências de comunicação e podem elevar a autoconfiança do aprendiz com o desenvolvimento de estratégias de aprendizagem, aumentando a eficiência deste no processo de aprendizado de uma LE. Ainda, a autora aborda a questão da habilidade de lidar e regular de maneira consciente o uso dessas estratégias, i.e, é o conhecimento do aprendiz acerca do seu próprio processamento mental de LE e de como aprende. Assim, as estratégias cognitivas auxiliam na manipulação e transformação da língua na mente do aprendiz.

Inicialmente, Olson (2003) desenhou um *kit* de ferramentas visando o desenvolvimento das estratégias cognitivas pelo aprendiz através do ensino das mesmas pelos professores de LE, e ainda tratou da aplicação de tais estratégias em atividades de leitura e/ou escrita. Essas estratégias são as de planejamento e definição de razões para o uso das estratégias, as de conhecimento prévio, de levantar perguntas, de fazer previsões, de monitoramento etc. Essas estratégias, quando entendidas pelos professores de LE e passadas aos alunos, poderão ser meios de consolidar a língua, assim como auxiliar na produção linguística, de modo que se tornem de longo prazo e passem a ser usadas com propósito e corretamente.

Desse modo, uma nova perspectiva surge com Olson e Land (2007), que discutem que as estratégias cognitivas devem ser utilizadas pelo aprendiz como meio de estruturar os pensamentos e lidar com tarefas no processo de aprendizagem. Para que o

aprendiz conheça as estratégias e as use por conta própria, isto é, sem um ensino explícito destas para eles, tais estratégias devem ser internalizadas. Para que isso ocorra faz-se necessário que o aprendiz demonstre três tipos de conhecimento: a) o conhecimento declarativo, que diz respeito ao conhecimento de fatos, descrições e conceitos que estão ligados com o lógico e de natureza científica e não podem ser modificados (ANTUNES; DANTAS, 2010) – nesse caso é conhecer e entender a estratégia; b) o conhecimento procedimental trata dos conhecimentos básicos, que possuem a natureza de serem modificados e dinâmicos – saber como usar a estratégia e por fim, c) o conhecimento condicional, que é saber quando e com qual propósito se faz uso de tal estratégia.

Produzir em uma LE pode não ser fácil, portanto, é importante destacar que as emoções de cada indivíduo podem afetar o processo cognitivo deste e vice-versa. Isso quer dizer que, o processamento de uma LE, inclusive a produção desta, pode ser prejudicado devido a fatores afetivos e emocionais do aprendiz. Desse modo, o uso de estratégias vem para contornar esses bloqueios e possibilitar o desenvolvimento mais efetivo do processo de aprendizagem.

3. Metodologia

A metodologia deste projeto informa os passos utilizados para o cumprimento dos objetivos estipulados para esta pesquisa. Para uma melhor compreensão do contexto da pesquisa, esse capítulo está dividido em: a) natureza da pesquisa, b) participantes da pesquisa, c) instrumentos utilizados para geração de dados e d) o *corpus* do estudo acerca do desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso (TCC).

a) Natureza da pesquisa

A metodologia desta pesquisa é classificada como qualitativa e quantitativa (MOREIRA; CALEFFE, 2008), visto que tanto os fatores psicológicos que entram a produção de aprendizes de inglês, como as estratégias cognitivas utilizadas para a superação dos entraves foram identificados, quantificados e analisados. Em vista de

nossa interpretação dos dados apresentados procuramos “... explicar causas de mudanças em fatos sociais, principalmente através de medição objetiva e análise quantitativa” (MOREIRA, 2002, p. 3), i.e. considerar e quantificar, através de gráficos e tabelas, quais fatores mais atrapalham a produção linguística de aprendizes, professores em formação, tal como as estratégias utilizadas por eles como instrumento de contornar os entraves, como também procuramos dar significado à realidade do participante através das respostas coletadas.

b) Participantes da pesquisa

Dos 25 alunos ingressantes do curso de Letras - Língua Inglesa (LI) da UFCG, do período 2022.1, para este estudo, apenas 10 aceitaram o convite de participar contribuindo com respostas através de um questionário de pesquisa.

A princípio os participantes foram categorizados de acordo com o nível de proficiência na LE, segundo o Quadro Comum Europeu (QCE).

Quadro 1: Categorização do nível de proficiência dos participantes segundo o QCE.

Categorização do nível de proficiência linguística dos participantes segundo o Quadro Comum Europeu (QCE)				
A1	A2	B1	C1	C2
10%	20%	20%	20%	30%

Fonte: Elaborado pela autora

c) Instrumentos da pesquisa

O instrumento de pesquisa utilizado foi o questionário, o qual foi desenvolvido na plataforma de criação de formulários *online*, o *Google Forms*. Para a geração dos dados desta pesquisa, o questionário *online* foi aplicado durante o período 2022.1 com alunos do primeiro período de Letras Língua Inglesa (LI) da UFCG.

Quanto as questões sugeridas no questionário, elas se dividem em subjetivas e objetivas, essas questões abordam dois pontos relevantes que fundamentam nossa discussão: 1) os fatores contribuintes para o enfraquecimento da produção linguística em LI dos respondentes e 2) as estratégias utilizadas por estes para contornar os entraves da produção.

Quadro 2: Temáticas e Questões abordadas no questionário.

Temática	Questões
Nível de Proficiência	<ul style="list-style-type: none"> - De acordo com o QCE (Quadro Comum Europeu), em qual nível de proficiência você se encontra? - Para você, o nível de proficiência em que você se encontra facilita ou dificulta a sua produção oral e/ou escrita em língua inglesa nas aulas da universidade? Justifique
Fatores Psicológicos na produção linguística	<ul style="list-style-type: none"> - Quando frente a uma situação acadêmica em que seja necessário falar em inglês, como você se sente? - Dentre os itens mencionados anteriormente, você acha que eles podem facilitar ou dificultar sua produção linguística? - De que modo os itens, selecionados por você, podem facilitar ou dificultar sua produção em inglês? - Quando é necessário escrever em inglês em atividades acadêmicas, como você se sente? - Para você, é mais confortável produzir oralmente ou por escrito em inglês? Justifique
Estratégias utilizadas	<ul style="list-style-type: none"> - Quais estratégias você faz uso de modo a contornar os entraves anteriormente mencionados, como exemplo a ansiedade, o medo, a vergonha, a falta de motivação, dentre outras)? - Você acha que essas estratégias funcionam/ajudam na produção oral e escrita em língua inglesa? - Como as estratégias citadas por você podem ajudar a lidar com alguns dos fatores que dificultam a sua produção em inglês?

Fonte: Elaborado pela autora

d) *Corpus do estudo*

O corpus da pesquisa é composto de uma seleção dos conteúdos das contribuições dos respondentes ao questionário informando os fatores psicológicos e as estratégias utilizadas pelos participantes. As respostas apresentadas pelos participantes auxiliam na conclusão de que fatores podem atrapalhar a produção linguística dos aprendizes, mas que o uso de estratégias são formas de contornar esses entraves. O que

será levado em consideração na análise são os fatores psicológicos mais destacados e como eles causam entraves nos participantes, como também as estratégias que os estudantes usam para superar questões mentais.

e) Procedimentos de análise

Primeiramente, foi considerado o nível de proficiência dos participantes e quais os fatores psicológicos que são evidentes para eles quando diante de uma situação acadêmica, onde é necessário falar e/ou escrever em inglês. Em seguida, fez-se uma lista de fatores organizados estatisticamente tanto em situações orais como de escrita. Dando sequência a essa etapa, decidiu-se fazer um levantamento das estratégias utilizadas como forma de contornar os fatores que causam entraves nos participantes. Desse modo, observou-se que muitas estratégias citadas pelos mesmos são algumas das estratégias citadas por Oxford (1990). Assim sendo, foram considerados as tais estratégias apresentadas por Oxford e as citadas pelos participantes como estratégias que possibilitam o contorno de entraves psicológicos em atividades acadêmicas de produção oral e escrita.

4. Descrição e discussão dos resultados

Este capítulo busca descrever e analisar os resultados obtidos através dos questionários aplicados conforme os pressupostos teóricos desta pesquisa. Para tanto, o capítulo está dividido em 4.1) Descrição dos resultados e 4.2) Discussão dos resultados.

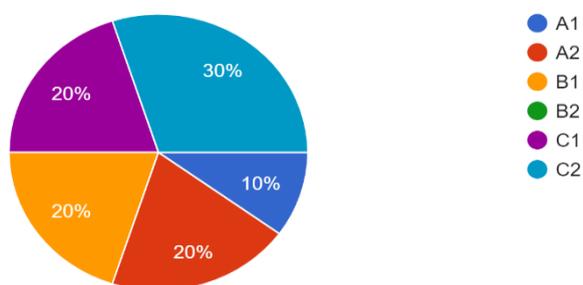
4.1 Descrição dos dados

O questionário aplicado foi respondido por 10 alunos, ingressantes do curso de Letras - Língua Inglesa, do período letivo de 2022.2. Foram consideradas as respostas dos 10 contribuintes.

Referente à distribuição dos contribuintes em relação ao nível de proficiência, de acordo com o Quadro Comum Europeu (QCE), ficou evidente que 30% dos participantes, i.e., 3 alunos, alegam estar no nível C2, outros afirmam possuir um nível A2 (20%), B1 (20%) e C1 (20%), como apresentado no gráfico 1:

Gráfico 1 - Nível de proficiência linguística na LE

De acordo com o QCE (Quadro Comum Europeu), em qual nível de proficiência você se encontra?
10 respostas



Fonte: Elaborado pela autora

Os aprendizes que se declaram ter o QCE de nível B1, C1 e C2 afirmam que os níveis de proficiência em que se encontram auxiliam em atividades acadêmicas de produção oral e escrita em língua inglesa (LI), como afirma um dos participantes:

Quadro 3 – Facilidade na produção em LE segundo a proficiência linguística

“... torna mais fácil compreender assuntos dados totalmente em inglês e ler na íntegra os materiais de leitura sugeridos sem necessidade de procurar o material traduzido, que pode perder o sentido original.” (Participante F).

Fonte: Elaborado pela autora

Quanto aos aprendizes que admitem estar no QCE A1, A2 e B1, eles afirmam que os níveis de QCE que declaram se encontrar dificultam a produção linguística em LE. Essa questão pode ser compreendida a partir do trecho a seguir extraído das contribuições de um dos respondentes:

Quadro 4 – Dificuldade na produção em LE segundo o nível de proficiência linguística

“...fica difícil tirar uma dúvida em aula ou entender algo que o professor diz, aí acabo geralmente perdendo o foco da aula por conta de algumas palavras que não conheço.” (Participante B).

Fonte: Elaborado pela autora

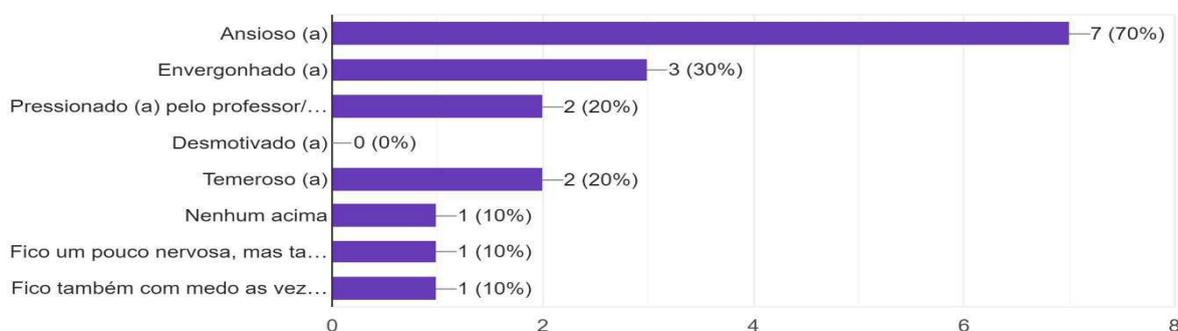
Quanto à seção do questionário referente aos fatores psicológicos, foram propostos cinco fatores: ansiedade, vergonha, pressão dos colegas e/ou dos professores, desmotivação e medo, conforme consta na literatura (HENTER, 2014; GOMES, 2018), com a possibilidade de escolha de mais de um deles. Além disso, os participantes dispunham de outras opções, como a citação de outros fatores psicológicos e a seleção de nenhuma das alternativas propostas.

Considerando a produção oral e escrita, habilidade nas quais o aprendiz pode expressar conhecimentos e opiniões, os participantes foram questionados acerca das questões psicológicas na produção oral e como os itens selecionados por eles facilitam

ou dificultam a referida produção. Em seguida, eles foram questionados sobre os bloqueios nas atividades de escrita.

No referido contexto, durante atividades acadêmicas de produção oral, a ansiedade foi o fator mais selecionado, sendo escolhido por cerca de 7 respondentes. Os outros fatores evidenciados foram: Vergonha (3 participantes), Pressão dos colegas e professores (2 participantes) e Medo (3 participantes). No entanto, 1 dos participantes admitiu que nenhum dos fatores sugeridos contribuíram para os entraves. Outros 2 sugeriram outros fatores, como o nervosismo e a tensão, conforme mostra o gráfico 2:

Gráfico 2 – Bloqueios Psicológicos na produção oral



Fonte: Elaborado pela autora

Levando em consideração o gráfico acima, os participantes relataram que alguns fatores psicológicos são evidentes durante atividades de produção linguística de cunho oral e escrito. Assim sendo, cinco dos participantes apresentam os fatores psicológicos como sendo significativos para dificultar a produção em LI, como citam:

Quadro 5 – Dificuldades causadas por fatores psicológicos na produção oral em LE

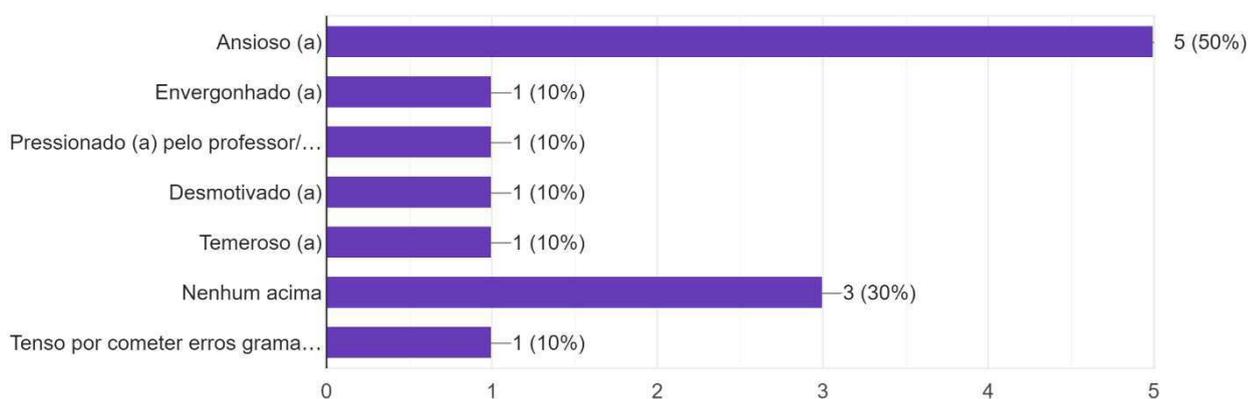
“Dificulta muito porque a ansiedade me deixa muito nervosa, eu esqueço as palavras, minha dicção fica péssima, o que deixa a situação pior...” (Participante B)

“Sinto dificuldade em articular minhas ideias na fala quando sei que estou sendo avaliado por todos naquele momento.” (Participante C).

Fonte: Elaborado pela autora

Quanto às questões que podem afetar a produção escrita dos contribuintes, o fator ansiedade foi considerado por cerca de cinco participantes. Em contrapartida, comparando com os depoimentos acerca da produção oral, como mencionado acima, os respondentes se mostram mais confortáveis e menos pressionados com a prática escrita, conforme mostra os resultados no gráfico 3:

Gráfico 3 – Bloqueios psicológicos na produção escrita



Fonte: Elaborado pela autora

A partir disso, os participantes foram questionados acerca de qual prática de produção linguística os deixa mais confortável. Quanto a essa questão, seis participantes citaram a produção oral, pois, segundo alguns respondentes a prática oral pode permitir o aprendiz ser mais espontâneo e ter espaço para errar. Referente a isso, Gorjian (2018) afirma que ter espaço para cometer erros permite o aprendiz a entender e descobrir a estrutura da LE que estuda. Dessa forma, é possível ver a opinião dos respondentes acerca de sua preferência pela produção oral em LE no quadro abaixo:

Quadro 6 – Preferência dos participantes por produção oral em LE

“escrever exige muito cuidado e capricho.” (Participante A),
“...tenho mais tempo pra pensar e tentar desenrolar as melhores palavras ao máximo” (Participante E)
“... oralmente é ótimo pois dá mais espaço para erros e se corrigir ... por escrito não temos como reescrever muitas vezes...” (Participante F).

Fonte: Elaborado pela autora

Considerando as respostas apresentadas anteriormente, o respondente A admite que a oralidade é o modo de produção linguística que o deixa confortável, porque, segundo ele, a escrita exige trabalho e dedicação. Conforme aponta Dueraman (2012), o processo de escrita em LE pode requerer do aprendiz conhecimentos estruturais da língua e conhecimentos estratégicos, que auxiliem nas dificuldades da prática escrita. Contudo, a produção oral também pode exigir preparação e vontade, especialmente em contexto acadêmico. Ao expressar uma determinada opinião, no contexto das disciplinas de cunho teórico, tais como introdução à linguística, psicologia da educação e fundamentos da prática educativa, ofertadas no primeiro período do curso de Letras Inglês da UFCG, o aprendiz precisa estar baseado em teorias para fundamentar sua discussão, uma vez que, “sem os dados empíricos a reflexão [...] torna-se vazia, sem referenciais teóricos, sua atuação torna-se cega.” (MÜHL, 2011 apud FORTUNA, 2011, p, 65).

Em relação à contribuição do participante F, por um lado ele cita a prática oral como uma prática que permite erros e correções, por outro lado, segundo ele, a prática de escrita impede o aluno de fazer muitas correções ou reescritas. Não obstante a essa questão, no ponto de vista de Dueraman (2012), o processo de escrita pode se dar através de passos de *brainstorming*, planejamento, escrita e reescrita visando produções significativas para a sociedade. Desse modo, a produção escrita em LE pode se caracterizar como uma habilidade que deve ser desenvolvida durante o processo de aprendizagem de LE, permitindo ao aprendiz cometer erros, uma vez que o erro também pode ser uma forma de aprender (GORJIAN, 2018).

Referente aos demais participantes, quatro deles afirmaram que a produção

escrita é a prática mais confortável, pois, tendo em vista o processo de produção nessa habilidade citado acima, o aprendiz se sente mais seguro para planejar e desenvolver as ideias antes de escrever, como afirma um dos respondentes:

Quadro 7 – Preferência dos participantes na produção escrita em LE

“Por escrito, é mais fácil para mim organizar minhas ideias antes de colocar no papel/digitar do que falar.” (Participante C).

Fonte: Elaborado pela autora

Em seguida, os participantes foram questionados acerca das estratégias utilizadas para contornar os bloqueios psicológicos selecionados por eles. Dentre as estratégias mais citadas, têm-se os seguintes dados na tabela abaixo:

Tabela 1 – Estratégias mais citadas pelos participantes

Praticar antes de produzir	3 participantes
Fazer anotações	2 participantes
Repetição a partir de ensaios e treinos antes de produzir oralmente e/ou por escrito	2 participantes

Fonte: Elaborado pela autora

No que diz respeito às estratégias, Oxford (1990) afirma que estas podem auxiliar no desenvolvimento das habilidades linguísticas. Dentre as estratégias citadas por ela, apresentamos a tabela 1. Tais estratégias podem auxiliar a desenvolver a produção em LE que se dão a partir da prática, da realização de atividades de repetição de palavras bem como expressões e do uso da língua em diversos contextos, seja participando de uma conversa ou escrevendo um resumo, por exemplo.

Segundo os participantes, as estratégias listadas podem auxiliar na produção linguística de natureza oral e escrita deles, como também podem servir para tranquilizar o aprendiz em atividades de *output* oral ou escrito, como afirmam no quadro abaixo:

Quadro 8 – Estratégias na produção linguística em LE

“... não ficar nervosa e [produzir] confiante[mente].” (Participante A)
“[se] sentir tranquila para falar...”. (Participante B).

Fonte: Elaborado pela autora

Dando continuidade à discussão sobre as estratégias, Straková (2013, p. 38) afirma que “as estratégias de aprendizagem quando incluídas na sala de aula podem desenvolver o nível de confiança do aprendiz na acessibilidade de todas as fontes possíveis para alcançar seus objetivos.”⁹ Em vista disso, os participantes foram questionados como tais estratégias podem auxiliar no enfrentamento dos fatores bloqueadores da produção linguística, seja ela de natureza oral ou escrita, bloqueiam o *output* linguístico. Segundo alguns dos participantes descrevem o auxílio das estratégias, como apresenta o quadro abaixo.

Quadro 9 – Como as estratégias auxiliam a produção linguística em LE

“... amplia[r] o ... conhecimento.” (Participante B)
e “ganh[ar] confiança de cometer menos erros e per[der] o receio de errar quando em situações sérias.” (Participante J).

Fonte: Elaborado pela autora

⁹ Tradução minha do trecho: “Learning strategies when incorporated in the classroom can build confidence of the learner in accessibility of all possible sources for achieving their aims”. (STRAKOVÁ, 2013, p. 38).

4.2 Discussão dos dados

Visando responder às 02 questões propostas nesta pesquisa, referentes aos fatores psicológicos na produção linguística de aprendizes de inglês como LE, bem como às estratégias cognitivas na solução de entraves durante atividades de produção linguística, a discussão dos dados obtidos por meio dos questionários foi realizada em vista dos fatores e estratégias relatadas fundamentando-se, principalmente, nos estudos propostos por Oxford (1990) bem como nos estudos decorrentes desses estudos.

4.2.1 Nível de proficiência linguística

O nível de proficiência linguística se refere à habilidade de um aprendiz de utilizar um idioma para cumprir funções na língua alvo, desse modo, o nível de proficiência pode influenciar no nível de autonomia e autoconfiança do aprendiz (EZZIR, 2018). Referente a essa questão, alguns fatores podem levar ao desenvolvimento ou ao bloqueio na LE do aprendiz, durante o processo de aprendizagem (ATTIR, 2016). Considerando que quanto mais alto for o nível de proficiência, mais a produção linguística pode ser favorecida, dois participantes, cujo níveis de proficiência declarados foram C1 e C2, relatam ter tido mais facilidade em relação à produção oral e escrita. Eles citam que não ocorreu qualquer fator como bloqueio no *output* linguístico deles, como mostra o quadro abaixo:

Quadro 10 – Influência do nível de proficiência na produção linguística em LE

“... ter fluência é um ponto bastante significativo.” (Participante A)
“... posso compreender plenamente aulas dadas em inglês, compreender textos, realizar atividades ou falar, já que não ... sinto [os] fatores listados.” (Participante J)

Fonte: Elaborado pela autora

Contudo, 60% dos participantes que afirmam estar no nível C1 e C2, sentem que

embora aleguem estar em um alto nível de proficiência linguística de natureza oral e escrita, o fato de se encontrarem inseridos em um ambiente acadêmico os faz sentir inseguros e ansiosos durante atividades de produção escrita e oral, reafirmando a discussão na literatura acerca da ansiedade quanto ao seu caráter influenciador dos níveis de aprendizagem (ATTIR, 2016). Não obstante ao fato da pressão direta do ambiente acadêmico, esses fatores também podem ser resultantes da pressão dos colegas e professores.

Outra questão relevante sobre o gatilho de fatores de cunho psicológico, no bloqueio da produção linguística (oral ou escrita), pode ser oriunda de problemas de cunho pessoal que podem também emergir nesse cenário. Essas questões podem ser verificadas no quadro a seguir:

Quadro 11 – Fatores psicológicos aparentes em aprendizes dos níveis B1, C1 e C2

“Sinto dificuldade em articular minhas ideias na fala quando sei que estou sendo avaliado por todos naquele momento.” (Participante C)
“Ao mesmo tempo que tenho ... confiança na minha fala e compreensão, a ansiedade de precisar falar a língua em um projeto mais sério ... me faz esquecer um pouco as palavras...” (Participante F)
“... no meu caso a ansiedade é devido ao fato de que naturalmente minha voz é baixa e ao falar fico ansiosa ao pensar que as pessoas não me ouvirão...” (Participante H)

Fonte: Elaborado pela autora

Considerando o quadro acima, os dados apresentados corroboram com o pensamento de Attir (2016), ao afirmar que aprendizes de LE podem se sentir ansiosos ou pressionados quando precisam lidar com um tópico com o qual não estão familiarizados ou possuem pouco conhecimento. Como resultado, parece-nos evidente que podem existir fatores de ordem psicológicas causando entraves na produção linguística de natureza oral e escrita, independentemente do nível de proficiência linguística.

Na próxima seção, discutiremos os fatores bloqueadores do *output* oral e escrito,

relatados pelos respondentes deste estudo. Como também, discutiremos as estratégias utilizadas pelos mesmos para sanar os entraves na produção linguística de cunho escrito e oral.

4.2.2 – Fatores psicológicos face às estratégias cognitivas adotadas

Dentre os fatores psicológicos relatados pelos autores, têm-se os seguintes: a) ansiedade, b) vergonha, c) pressão dos colegas e professores, d) desmotivação e e) medo, além de f) nervosismo e tensão, adicionadas pelos participantes. A discussão considerou fatores e estratégias descritas pelos aprendizes como forma de sanar os entraves. Como consta na tabela 2 abaixo:

Tabela 2 – Fatores psicológicos e estratégias cognitivas

Fatores Psicológicos	Estratégias Cognitivas
Ansiedade; Vergonha; Pressão; Desmotivação; Medo; Tensão; Nervosismo	Fazer anotações; Repetir; Praticar; Ler; Ouvir/Assistir.

Fonte: Elaborado pela autora

A seguir, trataremos de cada fator psicológico individualmente, recorrendo às estratégias citadas pelos respondentes dessa pesquisa e comparando com os estudos das estratégias da aprendizagem, de cunho cognitivo.

a) Fator 1: Ansiedade

A ansiedade pode acontecer devido a diversos fatores, seja por pouco conhecimento linguístico, características pessoais, como a baixa autoestima, por exemplo (ATTIR, 2016). A ansiedade pode levar a uma mudança no comportamento do aprendiz em relação a LE (HENTER, 2014).

Segundo os participantes, em virtude do fator de ansiedade, a produção linguística, tanto de cunho oral, quanto de cunho escrito fica mais difícil, além de desencadear outros fatores, como o nervosismo, a vergonha e o medo de errar. Isso pode acontecer quando há uma tensão no sistema nervoso do aprendiz, causada pelo medo de errar, falta de autoconfiança ou desmotivação (HORWITZ, 2011 apud ATTIR, 2016), ou seja, questões de cunho psicológico do próprio aprendiz. Conseqüentemente, o comportamento do aprendiz pode mudar e alguns sintomas podem aparecer, como falta de concentração, medo e aversão às aulas de LE, conforme argumenta Henter (2014). Quanto aos respondentes desta pesquisa, os sintomas citados foram: esquecimento das palavras, problemas na articulação dos fonemas e no desenvolvimento de ideias.

Assim, considerando que os participantes são alunos do curso de Letras – Inglês, sendo a língua inglesa uma LE, faz-se necessário que esses aprendizes estejam confortáveis com o objeto e ferramenta de seu trabalho. Quanto a essas questões, lançar mão de estratégias para evitar a ansiedade durante a produção linguística em inglês pode ser uma solução viável. Nesse contexto, Oxford (1990) afirma que as estratégias cognitivas se dão a partir do processamento mental de informações em LE visando a aprendizagem e ao desenvolvimento das competências comunicativas.

Quanto a isso, a estratégia de *tomar notas* foi a estratégia mais citada pelos participantes. Para os respondentes, fazer uso de anotações pode auxiliar na preparação para o momento de fala, além de ampliar os conhecimentos da língua. De acordo com Oxford (op. cit.), essa prática é referente à criação de estruturas para *input* e *output*, isto é, organização de ideias do aprendiz para basear o uso da LE. Essa estratégia é exercida por meio de anotações, resumos e destaques.

Além da estratégia de fazer anotações, a estratégia de repetição também foi citada pelos respondentes. Segundo Chamot (1990), ela está relacionada com o exercício da língua de modo a consolidá-la na mente do aprendiz. Assim, como

descrevem os participantes, repetir novas palavras e expressões dentro de novos contextos ou ensaiar o que se pretende falar pode auxiliar antes e durante a produção linguística de cunho oral ou escrito.

b) Fator 2: Vergonha

A vergonha é um dos fatores psicológicos de caráter pessoal que pode afetar negativamente a produção linguística de um aprendiz de LE. Isso acontece, pois, falar em público pode ser uma fobia para algumas pessoas que pode causar entraves na produção linguística de natureza oral e escrita, como também esquecer o que falar e ficar apreensivo diante de novas (ATTIR, 2016). Segundo Attir (2016), a vergonha pode ser vista como um sentimento de apreensão e desconforto diante de novas experiências, sendo um fator comum em salas de aula de LE.

No contexto dessa pesquisa, um dos participantes cita a vergonha como causadora de entrave no *output* linguístico de cunho oral e escrito. O referido participante também afirma que quando se encontra ansioso, outros fatores são desencadeados, como a vergonha. Assim, a vergonha pode ser caracterizada como percepção negativa de si mesmo, suscitadas a partir do medo de cometer erros ou da avaliação negativa (WELP, 2009).

Contudo, alguns dos respondentes que citaram o fator *vergonha* não souberam descrever como tal entrave dificulta a produção linguística em LE. Levando em consideração que eles citaram outros fatores, como tensão e pressão, pode-se concluir que o medo de errar, bem como o medo da avaliação negativa pode desencadear o sentimento de vergonha, dificultando a produção oral e escrita do aluno (WELP op. cit.).

Nesse cenário, o uso de estratégias pode surgir a fim de contornar a vergonha. Quanto aos participantes dessa pesquisa, eles relatam algumas estratégias para lidar com o fator em questão. Dentre elas têm-se: a) praticar a conversação com amigos; b) ler livros e assistir/ouvir entrevistas e músicas em inglês; c) tomar notar e d) respirar fundo antes da produção. Para Oxford (1990), consumir conteúdos em LE e praticar com amigos faz parte da estratégia cognitiva de *prática espontânea*, referente ao uso da

língua com a finalidade de comunicação. Nessa perspectiva, essa prática pode permitir ao aprendiz a observar, aprender e usar a LE de forma contextualizada, servindo de suporte para o exercício da produção linguística.

Enfim, referente ao ato de “respirar fundo”, relatado por alguns respondentes, como uma estratégia, ele pode ser visto como estado de *flow*, i.e., um estado de concentração em relação alguma prática. Essa estratégia, entretanto, é de cunho psicológico e não cognitivo, que foi elaborada pelo psicólogo Mihaly Csikszentmihaly, na década de 1970, e diz respeito ao envolvimento do aprendiz em relação a realização de atividades. Para o psicólogo o aprendiz entra em um estado de *flow* quando deposita conscientemente sua atenção na atividade que precisa desempenhar, a fim de alcançar seus objetivos (CSIKSZENTMIHALY 1990 apud PEREIRA, FERNANDES, BITTENCOURT; FÉLIX, 2022). Desse modo, respirar fundo pode ser uma forma de se concentrar para fazer uso da língua durante exercícios de produção oral e escrita.

c) Fator 3: Pressão

Durante a produção linguística, é comum que o aprendiz se sinta ansioso ou envergonhado, como discutido acima. Esses sentimentos podem ser gerados por diversos motivos, que podem partir da família, da sociedade ou da instituição escolar (GOMES, 2018). Contudo, o comportamento dos colegas e professores durante uma apresentação oral, também pode levar o aprendiz a um desconforto. Aida (1994), durante um estudo realizado em uma escola japonesa, constatou que é possível que a interação aluno-professor e aluno-aluno seja decisiva no aumento ou na diminuição dos níveis de ansiedade. Isso ocorre quando há um sentimento de competitividade entre colegas, baixa autoestima – se preocupar com o pensamento dos outros – e falta de simpatia por parte do professor em relação às necessidades dos aprendizes (BEKLEYEN, 2004). Vale ressaltar, contudo, que o sentimento de competitividade pode existir somente na cabeça de um dos aprendizes, sendo isso um efeito da baixa autoestima.

Quanto aos respondentes desta pesquisa, eles afirmam que sentem dificuldade no desenvolvimento das ideias quando estão sendo avaliados, não somente pelo

professor, como também pelos colegas. Um dos participantes, autodeclarado nível C2, conforme QCE (COUNCIL OF EUROPE, 2001), afirma se sentir ansioso e temeroso em momento de produção oral. Desse modo, um determinado nível de proficiência linguística não impede que o aprendiz se sinta inseguro durante atividades de produção. Como discutido anteriormente, isso pode ser causado pelo relacionamento entre colegas e professores ou, ainda, pelo nível de autoestima do respondente.

Quanto ao fator pressão, as estratégias citadas pelos participantes foram:

- a) dialogar com amigos que possuem nível avançado;
- b) ler e assistir conteúdos de interesse do aluno;
- c) como também se concentrar apenas na produção.

Desse modo pode-se perceber que as estratégias de práticas espontâneas, sugeridas por Oxford (1990) e retomadas por Olson e Land (2007), podem permitir que o aprendiz aprenda com seus erros, se autoavaliando, de modo a desenvolver confiança na produção linguística em LE.

Referente à estratégia de concentração citada por um dos respondentes, pode estar relacionada com o estado de *flow*, uma vez que ao se sente pressionado ou ansioso, o aprendiz pode usar essa estratégia para auxiliar na organização das ideias, permitindo o direcionamento da atenção para atividades de produção, com emoções positivas (PEREIRA, 2022).

d) Fator 4: Desmotivação

Estudos apontam que a motivação é um fator determinante na aprendizagem de uma LE, uma vez que a atitude do aprendiz em relação a uma situação de aprendizagem se dá a partir desta (HENTER, 2013, p. 374). Isso quer dizer que, por um lado, quanto maior o nível de motivação o aprendiz possui, mais os objetivos definidos serão realizados e completados por eles. Por outro lado, a falta de motivação por parte dos alunos diante da aprendizagem de uma LE pode causar uma atitude negativa em relação ao idioma e às aulas dessa LE.

Dessa forma, os participantes desta pesquisa se mostram motivados durante

atividades acadêmicas de produção linguística, visto que apenas um dos respondentes selecionou essa opção como um fator que atrapalha a produção escrita. Contudo, esse participante não explica o motivo desse sentimento de desmotivação durante as atividades acadêmicas de escrita, mas afirma que se sente mais confortável quando produz oralmente. Portanto, pode-se concluir que esse participante pode não estar familiarizado com os gêneros de escrita acadêmica, uma vez que é ingressante no curso, e isso pode levar a uma atitude de aversão e até à ansiedade em relação à escrita em LE.

Em relação às estratégias para contornar a falta de motivação, o respondente afirma que praticar e aprender novas expressões, além de fazer anotações são estratégias que o possibilitam a ampliar os conhecimentos linguísticos. Os autores Dornei e Csizer (2012 apud ATTIR, 2016) apresentam alguns “mandamentos” para incentivar o crescimento de motivação por parte do aprendiz, sendo um deles o estímulo da autonomia na aprendizagem. Nesse viés, Oxford (1990) discute que as estratégias de aprendizagem são usadas para estimular essa autonomia e o desenvolvimento das habilidades em uma LE. Quanto às medidas tomadas pelo aprendiz, a referida autora acredita que as atividades práticas de repetições e recombinações de estrutura podem conscientizar o aluno de que a prática é essencial no processo de aprendizagem de LE. Desse modo, o aprendiz pode desenvolver um maior nível de motivação em relação à escrita a partir da prática de cunho escrito.

e) Fator 5: Medo

A ansiedade, a vergonha e o sentimento de estar pressionado podem levar ao sentimento de medo (ATTIR, 2016). O medo na produção de LE pode ocorrer a partir do baixo nível de autoestima, da vergonha de falar em público (característica da timidez), da avaliação negativa do professor ou de ser alvo de riso e julgamento dos colegas. Desse modo, o medo pode levar o aprendiz a uma performance fraca durante atividades de produção linguística.

Quanto a isso, os respondentes da pesquisa que citaram o fator medo durante a produção linguística, de cunho oral e escrito, afirmam que desenvolver e elaborar ideias acerca de temas acadêmicos se torna difícil, resultando em um estado de estagnação no

momento da fala e/ou da escrita. Esses entraves podem ser relacionados ao psicológico do aprendiz, de modo que, quanto mais ansioso e envergonhado, mais medo o participante pode ter no momento de produção (ATTIR, p. 24).

De modo a sanar os entraves mencionados acima, os aprendizes se debruçam sobre a estratégia da prática espontânea, apresentada por Oxford (1990). Nela o aprendiz toma notas para produzir sentido durante a prática oral e escrita em LE de modo. Para o respondente, utilizar essas estratégias pode auxiliar o exercício da produção linguística de natureza oral e escrita, uma vez que elas permitem a aprendizagem e uma sensação de conforto durante a produção.

f) Fator 6: Tensão e Nervosismo

Dentre as opções expostas acerca dos fatores psicológicos causadores de entraves na produção linguística em LE, os participantes tiveram a opção de citar outras questões psicológicas decisivas no desenvolvimento de bloqueios da produção linguística deles. Nessa questão, um dos respondentes citou o fator tensão na produção escrita e outro citou o nervosismo na produção oral.

A tensão pode ser uma apreensão relacionada ao medo de cometer erros (ATTIR, 2016) e está associada a uma possível pressão exercida pelo próprio aprendiz, pela família, pela sociedade ou pelo professor e colegas. Assim, para sanar a tensão que pode ocorrer durante atividades de produção oral e escrita, o respondente faz uso da estratégia de prática espontânea, a partir da prática de conversação e de leitura de conteúdos na língua alvo. Essa estratégia pode auxiliar o aprendiz a perceber os seus próprios erros e se sentir mais confiante na presença do professor e de demais pessoas.

Quanto ao nervosismo, Horwitz (2011) afirma que esse fator está relacionado com a ansiedade. Assim, o respondente que sugeriu o nervosismo como um entrave na produção linguística oral afirma que apesar desse fator, ele se sente confiante na produção em LE. O referido participante afirma que possui maior facilidade para produzir em LE, devido ao alto nível de proficiência e ao uso das estratégias de repetição de novas expressões e de anotação. Essas estratégias, segundo Oxford (1990) e Olson (2003) funcionam para auxiliar o aluno a aprender uma forma de revisar novas

expressões e palavras, além de aperfeiçoar as habilidades linguísticas em LE.

5. Considerações Finais

Essa pesquisa propôs investigar e analisar os fatores psicológicos que podem causar entraves na produção linguística de natureza oral e escrita, e quais as estratégias cognitivas que os respondentes fazem uso no referido contexto.

Para tanto, um questionário foi desenvolvido e aplicado aos alunos do primeiro período do curso a fim de fazer um levantamento acerca dos fatores psicológicos que causam entrave na produção em LE e quais estratégias utilizadas por eles podem agir como solução para os entraves.

O aporte teórico que fundamentou essa pesquisa se mostrou significativo para que fosse possível entender como questões psicológicas podem afetar a produção linguística oral e escrita de aprendizes de LE. Além disso, percebe-se, com esse estudo, quão eficaz pode ser o uso de estratégias de aprendizagem referente às tais questões. Para tanto, lançamos mão do estudo das estratégias de aprendizagem proposto por Oxford (1990) e de autores que basearam seus estudos na referida autora.

Através das respostas obtidas nos questionários, pudemos investigar que os fatores a) ansiedade, b) vergonha, c) pressão, d) desmotivação, e) medo, f) nervosismo e g) tensão se mostram como entraves psicológicos na produção linguística de natureza oral e escrita de aprendizes de inglês como LE e que os usos de estratégias práticas se mostram eficazes para contornar os bloqueios na produção linguística em LE. Dentre as estratégias citadas pelos participantes da pesquisa, pudemos identificar as estratégias de cunho cognitivo propostas por Oxford (1990).

Quanto às estratégias cognitivas, elas se mostraram eficazes para os aprendizes em formação inicial, de modo a contornar fatores de cunho psicológico que bloqueiam a produção. Desse modo, pode-se concluir que a) repetições de estruturas, b) conversações na língua com amigos, c) leitura e escuta a conteúdos na língua alvo e d) anotações são ações práticas que podem auxiliar o aprendiz de LE a lidar com bloqueios psicológicos na produção de cunho oral e escrito.

Por fim, a contribuição do presente estudo se dá a partir da necessidade do aprendiz de saber lidar com os entraves psicológicos fazendo uso de estratégias de cunho cognitivo, que possibilitam uma autonomia no processo de aprendizagem de uma LE. Com as estratégias cognitivas, é possível que o aprendiz possa lidar com questões externas, por exemplo a pressão imposta pela família, sociedade e a instituição acadêmica, e internas, como características pessoais, de modo a produzir com eficácia em atividades de prática oral e escrita em LE.

6. Referências bibliográficas

AIDA, Yukie. **Examination of Horwitz, Horwitz, and Cope's Construct of Foreign Language Anxiety: The Case of Students of Japanese.** *The Modern Language Journal* 78, p. 155-168, 1994.

ATTIR, Khadidja. **Investigating the Main Psychological Factors Affecting Learners' Speaking Performance.** *Case Study: Second Year Students of English at Briska University.* Dissertation (Master Degree in Sciences of Language) – Faculty of Letters and Language, University of Briska. Algeria, p. 82. 2016.

BEKLEYE, Niüfer. **The Influence of Teachers and Peers on Foreign Language Classroom Anxiety.** In: *Dil Dergisi* · January 2004. Available in: <https://www.researchgate.net/publication/270547258_THE_INFLUENCE_OF_TEACHERS_AND_PEERS_ON_FOREIGN_LANGUAGE_CLASSROOM_ANXIETY_OG_RETMEN_VE_SINIF_ARKADASLARININ_YABANCI_DIL_SINIF_KAYGISI_UZ_ERINDEKI_ETKILERI>. Accessed on: April 17, 2023 at 12.18 p.m.

CARDOSO, Lídia A. de B. **Estilos de aprendizagem e estratégias cognitivas: em busca de maior autonomia na aprendizagem de língua estrangeira.** Tese (Mestrado em Linguística Aplicada) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, p. 169. 2007.

CHAMOT, Anna Uhl. Cognitive instructions in the second language classroom: the role of learning strategies. In: **Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics** 1990. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 1990. p. 496-513.

COUNCIL OF EUROPE. **Common European Framework of Reference for Languages: Learning, teaching, assessment – Companion volume,** Council of Europe Publishing, Strasbourg, 2020. Available at: www.coe.int/lang-cefr. Accessed in: May 2023.

DIVITIIS, Gleice de. **Inglês nas escolas regulares brasileiras: adequações metodológicas para a eficácia do ensino e aprendizagem.** *SILEL*, vol. 3, nº 1, 2013, Uberlândia.

DUERAMAN, Bayatee. **Teaching EFL writing: Understanding and Rethinking the Thai Experience.** In: *Journal of Alternative Perspective in the Social Sciences*, vol. 4,

nº 1, 2012.

EZZIR, Nemah A. A. **The Relationship Between Learner Autonomy and English Proficiency of Yemeni Postgraduate English Students: A Correlational Study in Hodeidah University**. *Journal of Education and Practices*, Yemen, v. 9, n. 6, p. 80-89, 2018.

FERREIRA, Mariana X. **A relevância como gatilho pragmático da motivação na aquisição de línguas adicionais**. Dissertação (Pós - Graduação em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Brasil, p. 114. 2017.

FORTUNA, Volnei. **A relação teoria e prática na educação em Freire**. *REBES – Revista Brasileira de Ensino Superior*, 1(2): p. 64-72, out-dez. 2015. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4653457/mod_data/intro/A%20relação%20teoria%20e%20prática%20na%20educação%20de%20paulo%20freire.pdf>. Acessado em: 16 de abril de 2023 às 14:01.

GOMES, Manoel M. **Fatores que facilitam e dificultam a aprendizagem**. *Revista Educação Pública*. 2018.

HENTER, Ramona. **Affective factors involved in learning a foreign language**. *In: Procedia – Social and Behavioral Sciences*, 127, p. 373 - 378. 2014.

JALO, Marcela, L. **Language learning strategies**. *Cuadernos de Lenguas Modernas*, vol. 5, nº 5, p. 155-244. 2005. Disponible en: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.3540/pr.3540.pdf. Accessed on April 24, 2023

LARENAS, Claudio D.; LEIVA, Lucia R.; NAVARRETE, Mabel O. **Rhetorical, Metacognitive, and Cognitive Strategies in Teacher Candidates' Essay Writing**. *In: Profile*, vol. 9, nº 2, p. 87 - 100. 2017.

LEFFA, V, J. **Língua Estrangeira: Ensino e Aprendizagem**. Pelotas: EDUCAT, 2016.

MENN, Lise; DRONKERS, Nina. **Psycholinguistics: introduction and applications**. Second Edition. San Diego, CA, 2017.

MOREIRA, M. A. **Pesquisa em Educação em Ciências: Métodos Qualitativos**. Alctas del PIDEDEC, 4:25-55, 2002.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro, Lamparina, 2008.

MOUSAVI, Khateh; GORJIAN, Bahman. **Using Error Correction in Teaching Oral Production to Iranian EFL Learners**. Journal of Applied Linguistics and Language Learning, Abadam, 4(2), p. 21-29, 2018.

MUNA, M; DALAF, Muna. **Students' Participation in Oral Discussions**. n.1, p.624-633, 2017.

OLSON, Carol B.; LAND, Robert. **A Cognitive Strategies Approach to Reading and Writing Instruction for English Language Learners in Secondary School**. Research in the Teaching of English, California, v. 41, n. 3, p. 269-303, Feb. 2007.

OXFORD, Rebecca. **Language Learning Strategies: What every Teacher Should know**. Boston, Mass. Heinle & Heinle Publishers, 1990.

PEREIRA, A. M. F.; FERNANDES, S. C. S.; BITTENCOURT, I. I.; FÊLIX, A. **Teoria do fluxo e aprendizagem no contexto brasileiro**. Educ. Pesqui, São Paulo, v. 48, p. 1-20, 2022.

SOUZA, Ricardo A. de. **Segunda língua: aquisição e conhecimento**. Primeira edição. São Paulo: Parábola, 2021.

STRAKOVA, Zuzana. **Developing Cognitive Strategies in Foreign Language Education**. In: Journal of Language and Cultural Education 1, p. 37-45. January, 2013.

TENUTA, Adriana M.; OLIVEIRA, Ana L. A. M. **The functional/cognitive principle of information structure in texts: discourse pressures and syntactic devices for English as L2 learners**. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 15, n. 1, p. 117-135, jan./abr. 2015.

WELP, Anamaria K. de Souza. **A ansiedade e o aprendizado de língua estrangeira**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 70-77, jul./set. 2009.

APÊNDICES

Coleta de dados -TCC

Este formulário é referente a um questionário de pesquisa do TCC em desenvolvimento: Estratégias Cognitivas na Produção Linguística da Língua Inglesa com LE, da autoria de Mainan Barbosa Borges, aluna do curso de Letras inglês do sétimo período do curso, sob orientação do Prof. Dr. Cleystone Chaves dos Santos. O questionário a seguir é um convite à reflexão acerca do processamento cognitivo durante a produção linguística do aprendiz de uma língua estrangeira. Ressalto que seus dados pessoais não serão compartilhados.

* Indica uma pergunta obrigatória

1. De acordo com o QCE (Quadro Comum Europeu), em qual nível de proficiência você se encontra? *

Marcar apenas uma oval.

- A1
- A2
- B1
- B2
- C1
- C2

2. Para você, o nível de proficiência em que você se encontra facilita ou dificulta a sua produção oral e/ou escrita em língua inglesa nas aulas da universidade? Justifique *

3. Quando frente a uma situação acadêmica em que seja necessário falar em inglês, como você se sente? *

Marque todas que se aplicam.

- Ansioso (a)
 Envergonhado (a)
 Pressionado (a) pelo professor/colegas
 Desmotivado (a)
 Temeroso (a)
 Nenhum acima
 Outro: _____

4. Dentre os itens mencionados anteriormente, você acha que eles podem facilitar ou dificultar sua produção linguística? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Talvez

5. De que modo os itens, selecionados por você, podem facilitar ou dificultar sua produção em inglês?

6. Quando é necessário escrever em inglês em atividades acadêmicas, como você se sente? *

Marque todas que se aplicam.

- Ansioso (a)
- Envergonhado (a)
- Pressionado (a) pelo professor/colegas
- Desmotivado (a)
- Temeroso (a)
- Nenhum acima
- Outro: _____

7. Para você, é mais confortável produzir oralmente ou por escrito em inglês? Justifique *

8. Quais estratégias você faz uso de modo a contornar os entraves anteriormente mencionados, como exemplo a ansiedade, o medo, a vergonha, a falta de motivação, etc.)? *

9. Você acha que essas estratégias funcionam/ajudam na produção oral e escrita em língua inglesa? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não
 Talvez

10. Como as estratégias citadas por você podem ajudar a lidar com alguns dos fatores que dificultam a sua produção em inglês? *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários